

ISMAEL MARTINEZ SANCHEZ_ACN

A IGREJA DOS MÁRTIRES

Pedro Vaz Patto

Numa iniciativa da Fundação Ajuda à Igreja que Sofre, está aberta à subscrição de qualquer cidadão uma petição (acessível em https://acninternational.org/pt-pt/peticao) dirigida aos principais líderes políticos mundiais de apelo ao respeito pela liberdade religiosa proclamada no artigo 18.º da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

De acordo com o mais recente Relatório da Liberdade Religiosa no Mundo, elaborado por essa Fundação, 5,4 mil milhões de pessoas vivem em países onde essa liberdade não é respeitada. E o texto dessa petição afirma: «Membros de quase todos os grupos religiosos, incluindo budistas, cristãos, hindus, judeus e muçulmanos sofreram discriminação (sobretudo, mas não exclusivamente, no local de trabalho e na escola), violência física, detenção, rapto, abuso sexual, ou foram até mortos, simplesmente por querer viver e praticar a sua fé».

Várias vezes se tem sublinhado o facto de serem os cristãos os crentes que mais sofrem perseguições por causa da sua fé. Uma perspetiva distorcida ou incompleta, a que poderemos estar habituados aqui na Europa, vê nos cristãos a comunidade maioritária e socialmente dominante e, por isso, menos sujeita a discriminações e outras formas de perseguição. Não é, assim, porém, noutras partes do globo. Em países como o Paquistão, por exemplo, os cristãos são, não só uma minoria numérica, como geralmente se incluem entre os estratos mais pobres e marginalizados da sociedade.

Mas o relevo que deve ser dado à perseguição contra os cristãos não anula o relevo dado à perseguição de qualquer comunidade religiosa. Francisco traçou, na sua encíclica *Fratelli tutti* (n. 279), a linha que deve inspirar todas as ações neste âmbito: «Como cristãos, pedimos que, nos países onde somos minoria, nos seja garantida a liberdade, tal como nós a favorecemos para aqueles que não são cristãos onde eles são minoria».

Os cristãos perseguidos (tal como outros crentes perseguidos por causa da sua fé) merecem que denunciemos essa perseguição para que ela cesse. Mas também nos dão eloquentes lições de coragem, perseverança e fé.

Assim, na Nigéria, país que (devido à grande frequência de atentados mortíferos) já tem sido qualificado como o mais perigoso do mundo para professar a fé cristã, nem por isso diminui a participação nas celebrações litúrgicas. É mesmo o país onde é maior a percentagem de católicos praticantes.

Um outro cenário de perseguição aos cristãos a que nem sempre é dada a devida atenção é o da região de Pemba, no norte de Moçambique. O conflito que aí perdura há vários anos tem causas complexas, mas é inegável que muitas das suas vítimas são cristãos, alvo de grupos terroristas que invocam uma versão do Islão contrária à que desde há décadas tem permitido uma harmoniosa convivência entre cristãos e muçulmanos nessa região.

Numa reunião com membros das Comissões Justiça e Paz portuguesas que têm acompanhado essa situação, o bispo de Pemba, D. António Juliasse, ao descrever a dramática situação desses cristãos e aludindo à fé que neles não vacila apesar de tudo, afirmou: «Sinto que se revive aqui a Igreja dos mártires dos seus primeiros tempos».